



“A MORTE PARA O AFRICANO É UM CONCEITO QUE TEM UM VALOR MUITO GRANDE”: ENTREVISTA COM ALDINO MUIANGA

*“DEATH FOR THE AFRICAN IS A VERY IMPORTANT CONCEPT”:
INTERVIEW WITH ALDINO MUIANGA*

*“LA MUERTE PARA EL AFRICANO ES UN CONCEPTO QUE TIENE MUY
GRAN VALOR”: ENTREVISTA CON ALDINO MUIANGA*

Ludmylla Mendes Lima¹

RESUMO

A presente entrevista com Aldino Muianga, escritor moçambicano, ocorreu no âmbito da disciplina Tópicos “Especiais em Literaturas Africanas”, dos cursos de graduação em Letras e em Humanidades da UNILAB, do *Campus dos Malês*, Bahia. Os estudantes que participaram da entrevista leram os contos e enviaram perguntas ao autor. Os contos lidos foram: “O filho de Mussassa”, “A noiva de Kebera” e “Dois muda, quatro ganha”. O autor fala sobre a sua formação e trajetória como escritor, bem como sobre a importância dos contos populares e da oralidade na construção de sua obra literária.

PALAVRAS-CHAVE: Aldino Muianga, Literatura moçambicana, Conto moçambicano, Oralidade.

ABSTRACT

The present interview with the Mozambican writer Aldino Muianga took place within the scope of the subject “Special Topics in African Literatures”, of the undergraduate courses in Letters and Humanities at UNILAB, Campus dos Malês, Bahia. The students who participated in the interview read the short stories and sent questions to the author. The short stories read were: “O filho de Mussassa”, “A noiva de Kebera” e “Dois muda, quatro ganha”. The author talks about his education and trajectory as a writer, as well as the importance of folktales and orality in his literary work.

KEYWORDS: Aldino Muianga, Mozambican literature, Mozambican short story, orality.

1 Professora de Literaturas em Língua Portuguesa na UNILAB – Campus dos Malês. Atua na graduação e no **Mestrado em Estudos de Linguagens: Contextos Lusófonos Brasil-África**.



RESUMEN

La presente entrevista con Aldino Muianga, escritor mozambiqueño, ocurrió en el ámbito de la asignatura “Temas Especiales de las Literaturas Africanas”, de los cursos de graduación en Letras y Humanidades de la UNILAB, Campus dos Malês, Bahia. Los estudiantes que participaron en la entrevista leyeron las historias y enviaron preguntas al autor. Los cuentos leídos fueron: “O filho de Mussassa”, “A noiva de Kebera” e “Dois muda, quatro ganha”. El autor habla de su formación y trayectoria como escritor, así como de la importancia del cuento popular y la oralidad en la construcción de su obra literaria.

PALABRAS-CLAVE: *Aldino Muianga, Literatura mozambiqueña, cuento mozambiqueño, oralidad.*

Entrevistadora: Para dar início à entrevista, gostaria de perguntar como você se tornou escritor e como você equilibra as suas atividades como escritor, médico e professor, já que você atua nessas três áreas?

Aldino Muianga: Bom, em primeiro lugar, farei uma breve referência ao modo como começo como escritor. Comecei a escrever quando tinha dezesseis anos de idade. Estava nos inícios da escola secundária, digamos que não tinha um grande domínio da língua portuguesa, mas aquilo que conseguia compreender me permitiu escrever alguns poemas. Comecei como poeta. A história desse começo como poeta foi assim, com outro rapaz com que estava a brincar na rua. Vi uma mulher descalça, com uma criança às costas, e que limpava os dentes com um pau, portanto, à maneira de mulala². Para mim era uma imagem muito poética, achei que devia registrar as emoções que aquela imagem criava em mim. Então, foi assim que comecei como poeta, escrevi mais poemas, por volta de cinquenta, setenta, não sei. Mas, infelizmente, no último ano, no ano seguinte, houve umas inundações demais, e os meus cadernos de poemas foram, os meus poemas foram arrasados, foram levados pelas cheias. Então, minha vida como poeta terminou aí. Mas não desisti de escrever, ou melhor, ler. Eu queria aperfeiçoar um tanto a língua portuguesa, ter mais vocabulário, mais facilidade de expressão, mais facilidade de escrita, e assim fui lendo o que me vinha às mãos. Frequentei as bibliotecas da cidade³, bibliotecas itinerantes que havia lá na altura, e, mesmo no fim das aulas, ia até a prefeitura municipal, lia, tomava apontamentos. Enfim, era uma espécie de rato de bibliotecas. Assim fui conhecendo os segredos da língua portuguesa. O meu primeiro escrito oficial, por assim dizer, foi na década de 1970, em 1976, 1977, por aí. Já era médico. E já pude sedimentar os conhecimentos que tinha sobre a vida, sobre a natureza humana. Então, escrevi um conto, que foi publicado num jornal, num semanário, e foi de fato um estrondo, foi uma alegria muito grande para o editor que me convidou a escrever, e assim continuei escrevendo. Depois entrei na revista *Charrua*, que está ali há tanto, que foi fundada em 1984, na Associação de Escritores Moçambicanos, e fui escrevendo contos mais atrevidos, por assim dizer. Até que em 1987 publiquei o primeiro livro, que foi o *Xitala-Mati*. Portanto, o *Xitala-Mati* foi o abre-te sésamo para o escritor de 30

2 Mulala é uma raiz usada na higiene oral. É uma opção econômica, mais comum em zonas rurais e entre idosos.

3 O autor se refere à cidade de Maputo, capital de Moçambique.

e qualquer coisa anos, não é? Agora há 33, 34 anos que escrevo e publico. E foi assim que fui escritor até os dias de hoje, e a continuar a escrever. Brevemente, tem sido essa a minha carreira.

Agora a sua segunda pergunta é como consigo conciliar as minhas atividades, como a de chefe de família, a de escritor e a de médico. Eu gosto de dizer que tenho uma relação, digamos assim, poligâmica, com três entidades, que é a família, a medicina e a literatura. Temos uma relação muito harmoniosa, muito harmoniosa mesmo, me considero um chefe de família equilibrado e até tenho tido o apoio extraordinário da minha esposa nesse aspecto, que me ajuda contando histórias da vida dela, das coisas imaginadas por ela. Então, trabalhamos muito nisso. A medicina também, ok. Eu exerço a minha profissão e ensino também. Portanto, é um cumprimento do meu exercício médico. E de vivermos em harmonia, os três, e não existe conflito. É uma questão de metodologia, é preciso saber dividir o tempo, é preciso saber encontrar espaços tanto para uma coisa como para a outra de modo a não haver conflitos. Isso tanto que não existem, consigo fazer, de fato, tanto cumprir as minhas obrigações nas três áreas a contento. E acho que qualquer pessoa que tenha uma vida equilibrada pode fazer isso. Há tempo para tudo.

Entrevistadora: Temos uma curiosidade com relação à questão linguística. Você é moçambicano, e mora na África do Sul, país que possui onze línguas oficiais, então você convive com uma complexidade linguística muito grande. Poderia nos contar um pouco mais sobre isso? Qual é a sua língua materna, qual foi a sua primeira língua de escola? E como foi, ao longo da sua vida, essa relação com a língua, quando você se mudou para a África do Sul entrou em contato com outras, isso reflete na sua escrita também? Por que você optou por escrever em português?

Aldino Muianga: A minha língua materna, por assim dizer, é o changana. Embora tenha nascido em Maputo, os meus pais eram imigrantes, vindos da província de Gaza. O meu pai era de um distrito, a minha mãe era de outro distrito. As primeiras palavras que eu ouvi na vida foram em changana. Na minha casa, falava-se muito a língua portuguesa e o changana, mas a preferência, de fato, de meu pai, era que falássemos português porque havia esse estatuto, acho que os que falam português sabem disso, esse conceito da assimilação. Se você quisesse ser considerado um cidadão português puro, embora fosse tanto autóctone, indígena, portanto, do lugar onde nasceu, tinha que falar português. Então, nós, sobremaneira, fomos educados segundo preceitos da cultura portuguesa, língua portuguesa. A língua nativa, que aprendi de fato, sobretudo por parte de minha mãe, foi o changana. O resto, aprendi na rua com os amigos. Havia essa duplicidade na comunicação. Eu falava melhor português até do que o próprio changana. Portanto, essa decisão foi de meu pai. O meu pai foi professor primário lá em Gaza e insistia bastante nisso. Tanto que todos os dias, fosse férias ou não, ele sentava à mesa, fazendo os ditados, a tabuada, aritmética, aquelas coisas todas. As lições em voz alta e, portanto, o português foi sempre a língua que dominou na minha formação. Daí que aos dezesseis anos já conseguia escrever alguns poemas. O que muitos da minha geração não conseguiam. Mas de qualquer modo, fui absorvendo a cultura da comunidade que me rodeava, não só na província de Maputo como também na província onde os meus pais nasceram. Nas férias, íamos visitar os avós, era um lugar que ficava mais ou menos 200 km, e lá o que se falava era o changana. Os meus avós e os meus bisavós não falavam português. Portanto, eu tinha duas

fontes de conhecimento de língua, tanto em Maputo quanto na casa dos meus avós. E devo dizer que talvez a minha experiência como escritor sobre o campo começou aí. Eu era muito novo ainda, mas observava coisas que me espantavam, que me admiravam, fazia perguntas a mim próprio, com 12/13 anos, “Por que é que essa gente vive assim?”, “Por que nós vivemos assim?”, “Por que é que somos diferentes das pessoas da cidade?”. São questões que foram se acumulando ao longo do meu crescimento e que se cristalizaram no meu espírito, e que um dia tinham que ser expressas de um modo ou de outro. Então, partes dessas inquietações estão expressas nos meus livros. Vocês vão notar que em alguns contos, por exemplo, o caso que se tem que fazer referência em uma das perguntas, é o Mussassa, “O filho de Mussassa”. É uma história do campo, que tem muito a ver com uma crença que lá existe, de uma maneira geral, que é o feitiço. A crença nas atividades dos mortos, dos defuntos. Tudo isso é o reflexo da vivência que eu tive no campo quando era criança. Agora, o uso da língua materna nos meus escritos está expresso em alguns contos, como vocês podem notar. Isso está em formato de cantigas e combina com este conto clássico que eu escrevo agora, portanto, com o conto popular. Existe, portanto, uma combinação, uma simbiose das duas formas de expressão porque o conto popular é um legado do qual não podemos fugir e é a nossa melhor forma de expressão por assim dizer. Mas escrevemos para uma comunidade universal e, então, é preciso saber transmitir o que é nosso para além das fronteiras.

Falando da minha inserção na África do Sul, estou na África do Sul por uma questão de trabalho. Eu tinha ambições profissionais que, talvez, no meu país não conseguiria realizar, então, aqui foram criadas condições e é por isso que estou aqui ainda. Mas sou moçambicano da gema e leciono na faculdade, pratico medicina com os meus estudantes, com os meus alunos e continuo a escrever. E é interessante também que as culturas moçambicanas e sul-africanas têm muitos pontos comuns, desde o tempo colonial, tempos remotos em que havia esta migração de cidadãos moçambicanos que vinham trabalhar nas minas daqui da África do Sul. Aqui aprendiam coisas e depois retornavam ao país com novos conhecimentos e deixavam ali os conhecimentos velhos, eram os tais magaiças, dos quais se podem contar, volumes e volumes de histórias. Portanto, existe uma comunhão de culturas entre nós e os sul-africanos. E recordo-me que, há alguns anos, escrevia para um semanário, em Maputo, sobre o que se passava aqui na África do Sul, sob o ponto de vista cultural e social, era uma outra forma de devolver aos moçambicanos aquilo que o moçambicano ganhava aqui na África do Sul. O que ganhava em termos de cultura, não digo financeiramente. Há sempre esta troca de informação, troca de culturas, troca de experiências entre nós e eles. Eu digo isso em relação a nós e os sul-africanos. Portanto, não é estranha a minha presença, o meu à vontade aqui neste país. Claro que existem diferenças em certas áreas, áreas específicas, mas fundamentalmente, pertencemos a um grande grupo étnico, que é o bantu, então temos raízes comuns e essas raízes manifestam-se em muitas ocasiões, em muitos pontos.

Entrevistadora: Tudo isso, de certa forma, dialoga com as questões seguintes, ainda relacionadas ao escritor que transita na fronteira: “Quais as relações culturais entre Moçambique e África do Sul que transcendem a fronteira?”, e “Entre Moçambique e África do Sul, quais os elementos que fortalecem a sua escrita diante da localização geográfica?”. A outra questão aborda o conto “O filho de Mussassa” e tem relação com o tema da morte, pelo fato de a

personagem Mussassane ter ido morrer na sua terra natal, “Qual a simbologia desse retorno na tradição moçambicana?”.

Aldino Muianga: Em relação à primeira pergunta, devo dizer que, aqui onde estou é quase que passivamente que a pessoa tem informações, que captam no trabalho, na rua, nos mercados, em todo lado. Todos os elementos fortalecem o meu conhecimento um pouco mais profundo do que se não estivesse aqui neste país. De fato, há detalhes que quase estão do lado da fronteira, e que a gente nem sequer percebe. Há anos publiquei alguns artigos no jornal. Ah, já não me recordo do nome da coluna. Era “Sayonara”, é como se fosse um “bom dia”, “boa tarde”, uma saudação. Isso foi uma forma de exploração, portanto, de novos conhecimentos, alguns eu já tinha, mas outros foram adquiridos no local sobre a vida do cidadão, cidadão médio e pobre comunal aqui da África do Sul. Portanto, isto contribui imenso para o enriquecimento da minha escrita. Isso é um aspecto.

Quando se fala da morte, a morte para o africano de uma maneira geral, é um conceito que tem um valor extremamente grande. Os nossos defuntos são defuntos porque desapareceram corporalmente, mas eles vivem em nós. Os mortos fazem parte da nossa vida, do nosso dia a dia, e isso é um conceito que tem muito a ver com a nossa espiritualidade. E é nos mortos que muitos africanos, muitos moçambicanos encontram força de inspiração para vencer obstáculos. Vou dar alguns exemplos, pessoas que sofrem de infertilidade, não têm trabalho, sofreram algum acidente na família ou uma morte inesperada. Tudo isso não é interpretado como fenômenos casuais, há sempre uma força, há uma força causadora dessa perturbação na vida das pessoas. Portanto, a morte é simbólica, é uma transição de uma vida para a outra, mas os nossos defuntos, de fato, não desaparecem do nosso universo espiritual, não desaparecem, continuam conosco. Se vocês forem ler algumas de minhas histórias hão de notar isso, porque a crença é tão forte que aquilo que é dito, inclusive nos sonhos, são coisas que as pessoas, às vezes, ocultam, procuram uma espécie de aliança, eu diria uma harmonia, portanto, com os mortos. Daí, os rituais que se praticam. Os rituais para apaziguar os mortos e por assim dizer os mortos são os acompanhantes da vida, portanto, dos vivos, orientam a vida dos vivos.

No caso particular do conto “O filho de Mussassa”, o conto tem muito a ver com o que disse, com a crença de que o morto pode influenciar a vida dos vivos. O fato de ele, a personagem, portanto, regressar doente já, para morrer na sua terra, é uma forma dele juntar-se, para estar mais de perto das construções dos seus antepassados. É uma honra muito grande para qualquer africano, para qualquer moçambicano nesse caso, ficar na eternidade ao lado dos seus, das pessoas que o estimaram e que ele estimou. É um conto simbólico nesse aspecto. Por outro lado, a gente pode ver nesse mesmo conto um pouco de egoísmo. É uma atenção à margem, não é, de que ele fez uma fortuna, mas não quis compartilhá-la com ninguém porque, enquanto vivo, ninguém o ajudou, mas vai compartilhar essa fortuna com os mortos. Portanto, estamos a ver que há esta parceria entre as pessoas e os defuntos que o ajudaram, e ele queria compartilhar aquilo que ganhou com os mesmos defuntos. A morte é parceira, é diária, diria assim, do africano, e ele acredita, portanto, na força dos defuntos. Apoia-se nela, ajusta-se nela para vencer obstáculos. E, por outro lado, a história sobre essa questão também tem muito a ver com a morte. As pessoas que querem fazer fortuna aqui na África do Sul, vindas de Moçambique, vão a médicos tradicionais, os curandeiros,

equipam-se tanto de artefatos, de forças, bebem lichidios⁴, vacinam-se para ganhar força, para conseguirem fortunas aqui na África do Sul. E aí já não tem nada a ver tanto com o trabalho árduo, com a força de vontade da pessoa, mas sim com a força do espírito que ele encarnou, digamos assim, que o habilita a fazer fortuna. Ele faz essa fortuna e regressa à casa, esquece dos compromissos que assumiu, muitas vezes, com a pessoa que o equipou dessas forças. E, então, há um ajuste de contas. Essa fortuna desaparece ou então morre alguém em casa. É esse tipo de relação entre a feitiçaria e a morte, em que as pessoas acreditam. E que funciona ao seu modo.

Então, publiquei nos últimos anos umas dissertações sobre a espiritualidade e a prática médica. A pergunta que eu faço é: como as crenças das pessoas podem influenciar tanto na nossa saúde, inclusive na nossa vida? E como fica a nossa intervenção como médicos sobre pessoas que têm essas crenças? Porque, de fato, temos tido alguns obstáculos em curar certas pessoas, pois, não que não acreditam em nós, mas porque nós não compreendemos os valores da sua espiritualidade. Por exemplo, o uso de amuletos, o uso de banhos, de ervas em combinação com os medicamentos clássicos. E a gente pergunta, por que é que você faz isso? Por quê? “Isso é para ajudar o senhor a curar-me”. Quando eu estava na província de Kwazulu-Natal, uma aluna usava um bracelete de pele. Era uma aula de prática, prática cirúrgica, que ensinava todos a fazer desinfecção dos membros superiores. Então pedi para ela tirar o amuleto. Ela disse que não, que não tirava o amuleto. Naturalmente, por quê? A resposta foi simples: “É que se eu tiro este bracelete, eu vou morrer, e vão acontecer coisas muito más na minha família”. Obviamente, quer dizer, de acordo com a nossa prática, ela não podia fazer a desinfecção. E, então, ao passar das semanas, ela desistiu do curso de medicina. Veja só, a força de uma crença, a força desta fé em algo, a força que se pode ter mexendo dentro de uma pessoa. Portanto, são essas coisas que a gente encontra no dia a dia, não é? E eu não sei se respondi a sua pergunta, mas são realidades que eu gosto de contar e partilhar com os meus amigos.

Entrevistadora: Aldino, creio que os seus alunos e os seus pacientes devem tirar muito proveito porque você tem esta compreensão, você transita entre esses dois mundos: o mundo da medicina tradicional, sem excluir uma compreensão ampla do lado espiritual e do quanto importante isso é na estrutura psíquica das pessoas.

Temos agora algumas questões sobre o conto “A noiva de Kebera”. Com relação ao papel da mulher, gostaria de saber se as tradições acabaram por sufocar a personagem Ma-Miriam?

Aldino Muianga: É muito interessante no sentido de que essa história partiu de um problema clínico. Tive uma paciente cujo namorado morreu e ela frequentava a campa do falecido namorado. Mas, às tantas, ela entrou em uma crise nervosa e acabou na psiquiatria porque não acreditava que o namorado tivesse morrido. Então peguei essa realidade e fiz essa história. Transpu-la, portanto, para o campo rural. Esse fato real aconteceu na cidade, em Maputo. Mas, então, preferi transferir todo o cenário e todo o encantamento por dentro para o cenário rural. E existem muitas partes que podem ser exploradas em “A noiva de Kebera”. O

4 Remédios que fazem parte da medicina tradicional moçambicana.

caso da própria personagem principal, que é a Ma-Miriam. Ela vive sob a influência de tios, de familiares, que são fruto de uma sociedade um tanto patriarcal. As mulheres, desde que nascem até morrerem, sofrem influência paterna. Aquilo que o pai, que os pais dizem é a regra, é a lei. É o caso dela e pu-la a desempenhar esse papel e penso que funcionou bem. Penso que funcionou bem porque, mesmo nas situações de desespero dela, aproveitaram-se dela, para se aproveitar, muito em particular o tio, que conhecia todas as fraquezas psicológicas da nora, nora-sobrinha neste caso, e aproveitou-se dela. E a convenceu de que o defunto não era tão defunto como isso. Que era vivo, que aparecia durante as noites e fazia o que queria com ela. Mas também há nisto uma coisa muito positiva, há sempre alguém na família ou na sociedade que entende as questões de outra maneira. É o caso da própria tia dela, que achou que havia algo estranho durante as saídas noturnas do marido e, afinal, descobriu que havia um trauma qualquer e que a sobrinha estava sendo vítima ao lado. Portanto, há duas questões aqui, o aproveitamento das fraquezas dela pelo tio e a ajuda que Ma-Miriam teve da tia. Mas no fim, em resumo é isto, a sociedade patriarcal em que nós vivemos e que tem dessas coisas. E esse é um retrato de uma delas.

Outro exemplo que eu poderia citar é de uma história que eu recordei aqui. A questão é de homens que lobolam. Não sei se sabem, mas o lobolo é um dote que se dá a uma família para comprometer uma moça. Esse caso é do homem que levou a uma gravidez, e diz assim, “se nascer uma menina será a minha mulher”. Portanto, é a força do poder que o homem tem na sociedade. Daí, as lutas que tem havido, pela emancipação, pelo usufruto dos direitos que cabem à mulher. Mas o patriarcado, portanto, é dominante com suas consequências, desagradáveis muitas vezes. Eu sei que nunca vou conseguir explicar o que é e o que não é, cabe ao leitor interpretar o que lê, mas nesse caso, sempre tenho tentado partilhar a minha opinião. É mais uma história simultânea, importante, que parte do real, retrata o real, mas obviamente com muita imaginação, muita ficção, senão deixaria de ser literatura.

Entrevistadora: As personagens femininas são muito presentes na sua obra. E elas são mostradas no interior de uma estrutura tradicional, patriarcal, mas sempre com um elemento que deixa ali uma questão para ser pensada. Em seu último romance publicado no Brasil, *Asas quebradas*⁵, essa questão está de volta com a personagem Macisse. Então, são muitas mulheres presentes na sua obra e sempre questionando esse lugar no patriarcado. Mudando um pouco, os alunos querem muito saber sobre o título do conto “Dois muda, quatro ganha”, você pode nos explicar?

Aldino Muianga: É uma história muito interessante essa. Tem muito a ver com as energias postas, ou que nós púnhamos quando crianças, para vencer um adversário, indo até ao sacrifício, tudo que nós púnhamos para sermos outras pessoas. Porque vencer no jogo de futebol era um grande triunfo da nossa vida. Pois dois muda mais assim. Por exemplo, esse canal aqui no Brasil. Quando estive na Bahia há tempos, um poeta falou-me que no Brasil faziam-se coisas do gênero. A gente entrava em campo, duas equipes e quem mete os dois primeiros gols... Aliás, não é que o jogo tinha terminado, era intervalo, mas só ganha quem mete primeiro os quatro gols. Portanto, dois muda e quatro ganha. Essa é a definição do jeito do jogo. Para chegar

5 *Asas Quebradas*, São Paulo: Kapulana, 2019.

aos quatro gols, às vezes em dois, três dias, porque ninguém aceitava perder aquele jogo, não havia maneira. Utilizávamos todos os truques, todas as artimanhas para sempre invalidar o gol do adversário. Legalmente ou ilegalmente, aquilo era uma confusão. Quando escrevi aquele conto eu queria ressaltar este componente de luta em si, que nós tínhamos que ganhar fosse como fosse. Agora, eu faço menção a uma equipe brasileira Ferroviária de Araraquara. E eu vi o Ferroviária de Araraquara e o Santos a jogarem em Maputo quando eu era pequenininho, não recordo que idade tinha. Daí, foi o meu primeiro contato com o Brasil, foi no futebol. Eu via aqueles jogadores e gostaria de ser como um deles. Andar por ali assim, a correr atrás da bola, gritar gol, etc., etc. Sonho de criança. E até alguns dos meus companheiros e eu, inclusive, adotamos nomes de estrelas do futebol brasileiro, era o Garrincha, era o Pelé, era não sei quem. Comecei a gostar do Brasil a partir do futebol. Foi a minha porta de entrada para a cultura brasileira, a da cultura esportiva nesse caso.

Mais tarde, quando eu cresci, já na escola, comecei a ter acesso a livros. E como disse, era um devorador de livros, lia tudo que vinha a mão e tinha uma preferência muito grande por escritores brasileiros. Dentre eles, apaixonei-me um tanto pelo Jorge Amado. Jorge Amado foi, entre aspas, podemos dizer assim, um professor, um guia daquilo que eu deveria escrever. Aquilo que Jorge Amado escrevia era o retrato da vida que se levava no bairro. Tinha uma brincadeira que dizia assim, “Jorge Amado hoje esteve em Moçambique”. Ele escreve coisas tão reais, tão reais, que só pode ser moçambicano. Então, esse foi o meu, digamos assim, o farol, o guia, que me conduzia, portanto, com mais serenidade para o conhecimento da cultura brasileira. E quando estive no Brasil há tempos, alguns anos atrás, a minha editora, conhecendo a minha paixão pela obra de Jorge Amado, levou-me ao Rio Vermelho, à Casa do Rio Vermelho. Estive lá e o que eu vi fez-me correr lágrimas, senti-me muito emocionado. Uma pessoa tão simples, que vivia tão simples, mas de uma dimensão universal como ser humano, como escritor, como cidadão, só podia ser uma pessoa assim. Então, foi uma inspiração para mim, a obra dele. E continuo a gostar do Brasil e se um dia lá puder voltar, eu hei de gostar. Portanto, isso é para dar uma ideia mais ou menos de como o “Dois muda, quatro ganha” acontece com aquelas peripécias todas. Eu como me introduzo, portanto, no futebol brasileiro, na cultura brasileira, na literatura do Brasil neste momento. É basicamente isso.

REFERÊNCIAS

MUIANGA, Aldino. **Xitala Mati**. Maputo: Alcance Editores, 2013.

_____. **O domador de burros e outros contos**. São Paulo: Kapulana, 2015.

_____. **A noiva de Kebera**. São Paulo: Kapulana, 2016.

_____. **Asas quebradas**. São Paulo: Kapulana, 2019.